

Estado de S.P. 20 de nov de 1998

Franceses apóiam plano de estabilização

Malan reúne-se hoje com diretores de bancos comerciais da França, em mais uma etapa de sua viagem

REALI JÚNIOR

Correspondente

PARIS – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, poderá ter uma grata surpresa ao reunir-se hoje com banqueiros europeus em Paris. Inicialmente reticentes, eles estão se convencendo da necessidade de cooperar com o programa de recuperação econômica do Brasil decidido pela comunidade financeira, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o G-10.

Ao iniciar hoje em Paris seu programa, que inclui encontros com o ministro da Economia da França, Dominique Strauss Khan, o governador do Banco Central, Jean Claude Trichet e, principalmente, os diretores dos principais bancos comerciais franceses que atuam no Brasil, Malan poderá constatar essa mudança de atitude de alguns entre os principais estabelecimentos em relação às operações financeiras de curto prazo. Strauss Khan e Malan, após o almoço, deverão falar aos jornalistas, em Bercy, sede do Ministério da Economia,

ocasião em que o ministro francês pretende manifestar publicamente o apoio da França ao plano de estabilização econômica. Malan, durante a tarde, deverá se encontrar os presidentes de bancos como BNP, Société Générale, Sudameris, Crédit Lyonnais, Crédit Agricole, CCF e Paribas.

Ontem, já ocorreram duas primeiras operações financeiras de curto prazo entre bancos brasileiros e franceses; envolvendo o Banco do Brasil, o Paribas e a Société Générale, cujas linhas estavam praticamente suspensas desde o início das turbulências financeiras que atingiram o Brasil nos últimos

dois meses. Como se sabe, essas linhas, que alimentam operações de bancos brasileiros no exterior, estavam suspensas ou só vinham sendo renovadas com a cobrança de taxas de risco extremamente elevadas. Nesses últimos meses elas quase quadruplicaram, passando de 0,5 % para 1,75%.

Jean Yves Chalumeau, analista do Sudameris, manifestou-se otimista quanto a uma rápida normalização, mesmo se o

spread cobrado caia menos rapidamente do que se poderia esperar. Isso porque o próprio FMI indicou o caminho, cobrando uma taxa elevada, muito acima da normal, para 70% do crédito de US \$ 18 bilhões concedido ao Brasil. Dessa forma, a taxa de juros cobrada para US\$ 15 bilhões será da ordem de 7,75%, com prazo de vencimento de um ano, diante de 4,75% em financiamentos anteriores, o caso da Coréia do Sul.

BANCOS REABRIRÃO LINHAS DE CURTO PRAZO

Esse exemplo do FMI poderá nortear o comportamento dos bancos comerciais europeus, segundo Chalumeau, prevalecendo o raciocínio do fundo: “Não temos garantia, assumi-

mos o risco, mas eles vão ter de pagar caro.” Nas últimas 48 horas, nas duas operações realizadas com os bancos franceses, a taxa de risco cobrada foi considerada excessiva, 1,25%, mesmo sendo inferiores às solicitadas na semana passada. Em Londres, segundo o embaixador Rubens Barbosa, os bancos comerciais têm se mostrado mais flexíveis, se seu comportamento for comparado com os franceses e, principalmen-

te os alemães. A posição da City se deve, em parte, a um maior alinhamento com as posições dos bancos comerciais norte-americanos.

Chalumeau admite que o grande perigo de toda essa delicada armação financeira é a política interna brasileira, transferindo a responsabilidade para o Congresso Nacional, que deve votar as reformas que permitirão a aplicação das medidas previstas pelo programa de ajuste fiscal. Os bancos, segundo Chalumeau, numa prova de confiança no Brasil, vão reabrir suas linhas e curto e médio prazo imediatamente, sem esperar pela atitude do Congresso, convencidos que se houve certas interrogações e incertezas, agora as coisas estão entrando nos eixos e a confiança dos investidores poderá ser rapidamente restabelecida. Já no mês de março, o Sudameris, segundo seu analista parisiense, lembrava que se o País resistisse à tentação de desvalorizar sua moeda, poderia evitar uma falência bancária. Também os créditos de exportação, beneficiando as grandes empresas exportadoras francesas, poderão ser rapidamente restabelecidos, apesar de o próprio governo francês ter sempre afirmado que essas linhas nunca estiveram suspensas.